

GENERAL, A PALAVRA

OSCAR VIEIRA DA SILVA
Professor da APM

Resumo: Estuda as origens da palavra "general" e seu emprego da terminologia militar na Península Ibérica, especialmente em Portugal, e no Brasil, especialmente no período colonial.

1 INTRODUÇÃO

Empregada primeiramente como adjetivo e posteriormente como substantivo, a palavra "general" ingressou tarde no português, vindo provavelmente do francês. A língua portuguesa, dentre as neolatinas, é talvez a única em que a palavra é usada exclusivamente na terminologia militar, já que em outras línguas, inclusive não latinas, é empregada na linguagem comum, como adjetivo, paralelamente ao seu uso como substantivo. No português, entretanto, é termo exclusivamente militar.

O presente artigo, o terceiro de uma série que enfoca algumas palavras da linguagem militar¹, pretende estudar sua origem e seu uso na terminologia castrense.

2 A ORIGEM

A palavra "general", que indica hoje o mais alto posto das Forças Armadas de inúmeros países, inclusive o Brasil, deriva da palavra latina *generalis*, em sua forma *generale*, que significa "geral", "universal", "comum a todos", "frequente".

Na Roma Antiga, a palavra latina que lhe deu origem nunca foi usada com conotação militar. O general dos exércitos modernos recebia, na

¹ **Alferes**, a palavra. *O Alferes*, Belo Horizonte, 8(24): 1990, p. 77-95.
Coronel, a palavra. *O Alferes*, Belo Horizonte, 9(29): abr-jun 1991, p. 39-51.

organização militar romana, outras denominações: *consul*; *magister*, com a variante *magister equitum*, que poderia ser traduzida como "general de cavalaria"; *dictator*, ao pé da letra "ditador", mas que não tinha o significado que hoje é dado ao termo, indicando então o Supremo Magistrado da República; *imperator* que, além de significar "imperador", significava, também, "aquele que comanda", "chefe"; posteriormente, passou-se a usar o vocábulo *dux*, "capitão", "condutor", "aquele que guia".

Na passagem para o português, a forma latina *generale* sofreu as seguintes transformações:

- a) queda da vogal postônica "e", o que geralmente ocorre quando vem depois de "r", "l", "s", "z", "n": "general";
- b) queda da consoante intervocálica "n", com nasalização temporária da vogal anterior, o que deve ter ocorrido por volta do século XI: "gẽeral";
- c) desnasalação do "e": "geeral";
- d) crase, por haver duas vogais iguais e contíguas: "geral". Temos,

pois:

generale > general > gẽeral > geeral > geral.

Encontramos exemplos de "gẽeral" e "geeral", este último com a forma variante "jeeral":

"(...) *hos que entam havia, por serem novos, ou na religiam, ou na casa, non sabiam mais q haqella gẽeral fama, e algũas cousas mais publicas.*" (André de Resende).

É possível que a forma usada por André de Resende não estivesse mais em uso quando escreveu sua obra sobre Frei Pedro (1570); pode ser forma própria de Resende, nitidamente arcaica.

"(...) *por que jeeral costume era dos que àsy leuauom per força pera algũa parte dizerem que ha hy todo o que lhe preguntam*" (Pero Vaz de Caminha).

Em Camões, (*Os Lusíadas*, 7, 66), a forma já é a atual:

*"Agasalhados foram juntamente,
O Gama e Portugueses no apouento
Do nobre Regedor da Índica gente,
Com festas e geral contentamento".*

A palavra "geral" é usada normalmente como adjetivo, da mesma forma que palavra latina que lhe deu origem. Na linguagem moderna, só aparece como substantivo para indicar o superior de certas ordens religiosas, como a dos jesuítas, por exemplo. Neste caso, significa "aquele que comanda", "chefe".

No entanto, um dos mais antigos dicionários da língua portuguesa, o de Antônio de Moraes e Silva (1813), registra o verbete "geral", como substantivo:

"GERAL s.m. antig. por General. *Elegiada*. Canto 12 f. 241. nova

ediç. *o Geral do mar. (...)*²

Como foi o único exemplo encontrado, é possível que esse emprego fosse raro, não se eliminando, porém, a possibilidade de ter havido certa confusão entre a palavra, em sua forma popular e corrente, e a palavra "general", especialmente quando começava a ser empregada na linguagem de Portugal.

O dicionário de Constâncio, de 1836, também registra "geral" como substantivo, como forma antiquada: "*Geral, ant. general*", mas sem citar exemplos.

Como adjetivo e ligado à terminologia militar, registra "*Capitão geral, ant. capit. general*."

Com o tempo, no entanto, firmou-se o emprego de "general", como substantivo, ligado à atividade militar e, paralelamente, a forma "geral", de formação popular, como adjetivo, com a exceção citada do superior de certas ordens religiosas.

Os dicionários são unânimes em derivar a palavra "general" imediatamente do francês *general*, e esta da forma latina *generale*, como, por exemplo, Antenor Nascentes, em seu dicionário etimológico, e o citado Constâncio.

As palavras "geral" e "general" são, assim, formas divergentes ou alotrópicas, isto é, palavras provenientes de uma só de outra língua, sendo que a segunda delas penetrou no português através de corrente estrangeira, ou seja, línguas estranhas que, de algum modo, exercem influência sobre a nossa. Como se sabe, essa corrente começa a se fazer sentir já no século XII, com os trovadores de Provença, ampliando-se, com o decorrer do tempo, por intermédio das cruzadas e das navegações.

Dessa forma, a palavra "general", penetrando na língua portuguesa através do francês, passa a coexistir com a palavra "geral", que tem a mesma origem e já existia no português. A diferença fundamental, no caso, é que a primeira, a princípio também usada como qualificativo, muda de classe gramatical e passa a ser usada como substantivo, restringindo-se à linguagem militar, enquanto que a segunda, mais antiga e de formação popular, continua a ser usada geralmente como adjetivo. Ocorre, então, o que a gramática histórica denomina derivação imprópria, ou seja, mudança da classe gramatical da palavra, sem intervenção de sufixo.

Para a língua francesa, Bloch e Wartburg também derivam *general* do latim *generalis*, datando-a do século XII, como adjetivo, significando "o que pertence a todos." Passa a ser usada na acepção de comandante de um conjunto de unidades militares a partir do século XIV, como na expressão

² A *Elegíada* é um poema em 18 cantos e oitava rima, de Luís Pereira Brandão. Seu assunto é a batalha de Alcácer-Quibir e foi publicado em 1588.

capitaine general. Como substantivo, só é usada a partir do século XV, na linguagem militar, e a partir do século XVI, para indicar chefe de ordem religiosa. Said Ali, em tom jocoso, diz que *"esqueceram-se os portugueses de lhe dar a forma vernácula geral, de que não se descuidaram na denominação de chefe supremo de ordens religiosas."*

Para a língua portuguesa, Geraldo Cunha aponta o século XVII como data para o uso de "general" como substantivo, indicando "posto na hierarquia militar". Como adjetivo, ainda como termo militar, refere-se a "tenente-general", sem indicar data.

3 A PALAVRA "GENERAL" EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO

No *Regimento de Guerra* português, que data do século XIII, o primeiro posto citado é o de capitão, tomado em sentido genérico de "chefe militar":

"4 Item. Quando Nós, ou outro algum Capitam de nosso Reino com a graça de Deus começarmos algũa guerra (...)"

A palavra "capitão" não se vinculava, na época, a um posto determinado; servia para indicar todo aquele que chefiava um grupo de homens armados e os conduzia nas batalhas. Cabe lembrar que em Portugal, como na absoluta maioria dos reinos cristãos, o rei, sem nenhum título ou designação especial, era o chefe absoluto das tropas durante as guerras. Em Portugal, abaixo do rei, o comando direto das forças armadas era do Condestável, Condestable ou, ainda, Conde-estrabre, como se vê no mesmo *Regimento*:

"O Conde-estrabre é o maior ofício, e de maior estado, e honra, que há na hoste, tirando afora aquele que é senhor dela, porque segundo geral e antiga usança da guerra a ele pertence ir na avanguarda, e ter o Regimento dela, se outro senhor de maior estado aí não for; e a ele pertence a governança nas maiores, e mais assinadas cousas, que na hoste hajam de ser feitas."

Com o surgimento e evolução dos exércitos e sua subdivisão em companhias e capitánias é que aparece o termo "capitão" para indicar aqueles que as comandavam. Por volta do século XVI, a divisão das forças guerreiras em companhias era considerada perfeita, tanto do ponto de vista tático quanto do administrativo. Foi então na Península Ibérica, e mais cedo, na França, que surgiu a denominação "capitão general", para indicar o que tinha o comando sobre os demais capitães. Tratava-se, possivelmente, de uma denominação temporária, que perdurava apenas enquanto o capitão detivesse esse comando. É interessante lembrar que títulos temporários não eram incomuns nas antigas organizações militares. Em Portugal, segundo Said Ali, aparecem esses títulos entre os militares pelo menos desde o século XVI. Na batalha de Alcácer-Quibir (1578), na qual desapareceu o rei D. Sebastião,

cada esquadrão era comandado pelo coronel que reunia os soldados que o constituíam. Essa designação era então um título honorífico e não um posto, uma espécie de homenagem que se prestava ao recrutador dos soldados que estavam sob suas ordens. Seu posto real era o de capitão, como o dos demais comandantes. Diz ainda o filólogo que

"Aos comandantes em chefe dos tudescos e castelhanos chama Fr. Bernardo Cruz³ generalis, no cap. 45 e coronéis na lista de senhores e fidalgos que morreram na batalha. Eram de fato uma e outra coisa segundo as idéias que se prendiam a esses termos na época. General, vocábulo importado, é o 'capitán general' castelhano, passando o qualifitivo a fazer o papel de substantivo. (...)"

Como se vê, na época atribuía-se aos comandantes o qualificativo honorífico de coronel, por comandarem as tropas que eles mesmos haviam recrutado, e também o de general, por estarem sob seu comando geral os diversos capitães das companhias ou capitânicas de que se compunha cada esquadrão. Ainda que empregado como substantivo, no século XVI "general" ainda não era, rigorosamente, um posto, mas um qualificativo usado mais ou menos indiscriminadamente para aqueles que exerciam, temporariamente, o comando geral sobre outros chefes militares, tanto em terra com no mar. Diogo do Couto, por exemplo, em suas *Décadas*, usa a palavra "general" referindo-se a comandante naval:

"(...) e indo para o reino o fez el rei general das galés do reino, que ainda era quando faleceu, e depois de vir à Conquista destas Minas, a Diogo Lopes de Siqueira, a quem as encarregou em sua ausência; foi general da armada que el rei D. Sebastião fez contra o Pinhão."

No entanto, a expressão que prevaleceu para indicar o comandante geral das forças navais foi "capitão-mor do mar".

Tendo em vista a datação do termo nos dicionários consultados, a palavra "general" começou a ser empregada na linguagem militar na Inglaterra e na França, sendo que desta passou à maior parte dos países da Europa. Na Inglaterra, a palavra designava o comandante supremo das tropas; o segundo em comando era chamado tenente-general e também comandava a cavalaria. Isso ocorre já no final do século XVI. No século XVII, aparecem os generais de cavalaria e infantaria, sendo que o comandante supremo pasou a ser denominado capitão general, enquanto o segundo em comando

³ A Frei Bernardo da Cruz tem-se atribuído a autoria da *Crônica de El-Rei D. Sebastião*, publicada em 1836 por Alexandre Herculano. Alguns estudiosos, no entanto, questionam essa autoria, porque morto o suposto autor em 1579, seu livro refere-se a fatos posteriores a essa data.

continuou como tenente general. O capitão general tornou-se sargento-mor general, depois major general. Em 1736, passou a ser usada a denominação marechal de campo.

Na França, durante o reinado de Luís XIV, aparece o posto de Tenente General dos Exércitos do Rei, correspondente ao inglês marechal de campo. Nos exércitos da Revolução Francesa, o tenente general desapareceu para dar lugar ao general de brigada. Com a restauração dos Bourbon (1815), as antigas denominações voltaram a ser usadas, mas foram novamente abandonadas em 1848 (*The Encyclopedia Americana*).

Na Espanha, a situação é mais ou menos a mesma no que diz respeito ao emprego da palavra como substantivo, na linguagem castrense; a primazia na organização militar era também do capitão general, ou capitão de capitães. Por abreviação, a palavra inicial da expressão começou a ser suprimida, por ser denominação genérica, passando a ser substantivado o adjetivo. É, aliás, um processo bastante comum, que aconteceu também com outras expressões, na própria terminologia militar. Cabanella Torres, por exemplo, diz que, pela importância do cargo, era conveniente dar ao capitão general um segundo em comando, que foi denominado, no princípio, "lugartenente", depois abreviado para "tenente". Para que este último não fosse confundido com o segundo em comando de um capitão comum, que não tinha sob suas ordens outros capitães, passou a ser denominado "tenente do capitão general", abreviado para "tenente do general" e, finalmente, para "tenente general".

Com a evolução do Exército, surgem os terços, regimentos e batalhões, além da antiga companhia, e a conseqüente necessidade de a eles se atribuírem comandantes. Aparecem, então, os postos de "mestre de campo", o posterior "coronel", e o de "mestre de campo general" que, por sinal, não era superior aos mestres de campo *tout court*.

Em 1567, ao ser designado o Duque de Alba como comandante do Exército, foi-lhe atribuído o posto de capitão general, primeira vez que este título era dado ao comandante geral da força terrestre espanhola. Tratava-se, ainda, de um caso excepcional, pois, em 1584, o rei Felipe II nomeia Pedro de Medicis também capitão general, mas apenas da infantaria italiana.

Nos meados do século XVII, capitão general ainda não havia adquirido o sentido de general em chefe, mas passou a designar o comandante em chefe de uma região ou de uma província. Equivalia ao vice-rei e tinha sob suas ordens os capitães gerais de cavalaria e de artilharia.

O posto de capitão general passou a designar o capitão general de exército, chefe supremo dessa arma, entre 1696 e 1710, não se conhecendo a data precisa.

Em Portugal a situação é bastante confusa, e todos os autores que tratam do assunto, - e a que tivemos acesso, - abordam-no de forma vaga e pouco precisa. A legislação pertinente também não é clara. De qualquer

forma, a palavra aparece primeiro como adjetivo, ainda que seja o único país, dentre os já citados, em que o termo é tipicamente militar, tendo em vista a existência paralela da palavra "geral". Esta última, como já se observou, foi substantivada no século XVI, e empregada, ainda que timidamente, como expressão militar, sendo rapidamente substituído pela forma importada "general". Parece que, como expressão típica da linguagem militar, substantivou-se primeiro quando ligada à palavra "capitão", na expressão "capitão general", comum a vários países, tendo em vista o fato de a palavra inicial da expressão ter sentido genérico em praticamente todos os países que sofreram influência latina, direta ou indiretamente. Parece ter havido várias categorias de capitães gerais, em que o substantivo inicial desapareceu, surgindo então os generais de cavalaria, de infantaria, etc.

No reinado de D. João V (1706-1750) e de D. José I (1750-1777), foram criados três cargos de inspetores-gerais, chamados general de infantaria, general de cavalaria e general de artilharia.

No Regimento de Fronteira, de 29 de agosto de 1645, já existe referência a um general de cavalaria bem como a um tenente general de cavalaria, com as seguintes atribuições, respectivamente:

"1. Conceder licença aos oficiais e soldados, o que se registrará na Vedoria Geral e na Contadoria Geral de Guerra.

2. Servir, se necessário, em duas praças, recebendo dois soldos (um como general e outro como capitão de uma companhia de couraças)".

"1. Estar presente durante a mostra de seu terço de cavalaria e verificar o estado das armas e montarias, aplicando penas, caso constate alguma irregularidade.

2. Servir, se necessário, em duas praças, recebendo dois soldos (um como tenente general da cavalaria e outro como capitão de clavinhas)". (Fiscais e Meirinhos).

Segundo se nota na mesma obra, não foi encontrado registro sobre a criação e existência de nenhum desses dois postos nas tropas de linha portuguesas sediadas no Brasil.

Ainda no reinado de D. José I, desapareceu a designação de um mestre de campo general que, em vez de um cargo, passava a indicar o posto superior de generalato; no reinado anterior, já haviam desaparecido certos postos anteriores, como, por exemplo, o de tenente de mestre de campo general e ajudante de tenente de mestre de campo general; ao primeiro, chamavam tenente general de infantaria, por analogia com o tenente general de cavalaria e de artilharia. Todos passaram a ser tenentes coronéis, posto que até então não existia. Com a reforma por que passou o Exército português em 1707, o segundo posto de general passou a ser o de sargento-mor de batalha, transformado em 1762 em marechal de campo. As duas

designações persistiram durante um século. Depois disso, adaptando-se ao figurino francês, passaram, respectivamente, a general de divisão e general de brigada (*Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*).

Como já se observou anteriormente, em português a palavra "general" é de uso exclusivamente militar, devido à existência das formas divergentes "geral"/"general". Enquanto a segunda substantivou-se, ingressando diretamente na linguagem castrense, a primeira continuou como adjetivo, passando a incorporar-se a substantivos designando atividades civis de mando, na esfera administrativa.

No caso do Brasil colônia, por exemplo, o título atribuído a Tomé de Souza foi o de Governador-Geral e, enquanto militar, Capitão-mor da Armada. Com o correr do tempo, vieram outros cargos civis, seguidos do adjetivo "geral", quando era o caso: ouvidor-geral (1549), ouvidor-geral das causas civis e crimes (Bahia, 1609), ouvidor-geral (Maranhão, 1619), pagador-geral (1645) e assim por diante.

O mesmo se observa ainda no século XVIII, antes da implantação definitiva do substantivo "general" para designar o mais alto posto do Exército. A palavra, como adjetivo, pospunha-se ao substantivo para designar o posto e a função militar. O capitão general era geralmente governador de província, subordinado ao vice-rei. Encontra-se exemplo disso ainda muito tarde no século XVIII, como, por exemplo, no decreto de nomeação do Marquês de Barbacena para governador da Capitania de Minas Gerais:

"Atendendo à qualidade, merecimento e préstimo do Visconde de Barbacena, Luiz Antônio Furtado de Mendonça: Hei por bem de o nomear Governador e Capitão-General da Capitania de Minas Gerais, que servirá por tempo de três anos e o mais que Eu for servido, enquanto lhe não nomear sucessor."

Em Portugal, segundo Morais e Constâncio, dava-se também a denominação "general" (*generalá*, em espanhol, e a partir de 1728 também *general*, precedido, no entanto de artigo feminino, *la general*), ao "*primeiro toque de tambor, que de madrugada se faz no exército*", ou, na Espanha, "*toque de ordenanza para reunir y formar una tropa*."

Derivado também da palavra "general", surge o termo "generalíssimo", aparentemente mais usado na Espanha e nos países de colonização espanhola, mas não em Portugal nem no Brasil, a não ser como força de expressão. Cabanellas Torres diz que é o "*General em jefe; comandante supremo de las fuerzas armadas en tiempo de guerra y, más impropriamente, en el de paz. Puede decirse que es un general de generales*."

No Brasil, o posto de general é privativo do Exército, havendo denominações correspondentes nas demais Forças, Marinha e Aeronáutica.

Nas outras organizações militares brasileiras, ou seja, as Polícias

Militares estaduais, o posto mais alto é o de coronel. Talvez a explicação primeira e histórica para isso se encontre nas palavras de Diogo Pereira de Vasconcelos, na sua *Breve Descrição Geográfica, Física e Política da Capitania de Minas Gerais*:

*"Andando o ano de 1775, o governador D. Antônio de Noronha formou o regimento de cavalaria de linha que hoje guarnece a capitania. (...) Na criação, o governador e capitão general se reservou o posto de coronel, que ainda conservam seus sucessores. O tenente-coronel comandava o regimento. Pedro Afonso de Galvão de São Martinho é o primeiro coronel comandante proposto pelo Conde de Sarzedas, e confirmado por Sua Alteza." (Apud João Camilo de Oliveira Torres, *História de Minas Gerais*).*

Como se sabe, a Polícia Militar de Minas Gerais tem seu embrião no Regimento de Cavalaria Regular, criado na Capitania de Minas Gerais em 9 de junho de 1775, sendo, assim, a Polícia Militar mais antiga do Brasil, já que não houve solução de continuidade entre a então denominada Tropa Paga do século XVIII e a atual PMMG.

4 CONCLUSÃO

Como se viu, na língua portuguesa, seja na sua classificação primeira como adjetivo, seja como substantivo, a palavra "general" é de cunho exclusivamente militar, não tendo nenhum emprego fora da terminologia castrense. Por motivos históricos, ficou limitada exclusivamente às forças armadas terrestres, ou seja, ao Exército, tendo os postos correspondentes nas forças aéreas e navais outras denominações. No Exército brasileiro há, atualmente, na classe dos oficiais gerais três postos: general de brigada, de divisão e de exército.

Os oficiais gerais exercem um comando com caráter geral, implicando o emprego e a direção de grandes unidades, de que fazem parte armas diversas, embora as circunstâncias possam atribuir-lhes o comando de grandes contingentes quase exclusivamente constituídos de uma única arma. Esse comando exige cultura geral profunda e abrangente, fortes qualidades de compreensão e decisão e familiaridade com a técnica de várias armas.

ABSTRACT: "General", the word. This paper studies the origins of the word "general" and its use in the military terminology in the Iberian Peninsula, especially in Portugal, and in Brazil, mainly during the colonial period.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, M. S. *Investigações filológicas*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976. 317 p.
- BLOCH O. e WARTBURG, W. von. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.
- CABANELLAS TORRES, G. de *Diccionario militar: aeronáutico, naval y terrestre*. Buenos Aires: Bibliográfica Oneba, 4 v.
- CAMÕES, L. de. *Os Lusíadas*. Ed. fac-símile da ed. de 1572. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1972.
- CINTRA, G. de e CRETELA JÚNIOR, J. *Dicionário latino-português*. São Paulo: Ed. Anchieta Ltda, 1944.
- CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Novo dicionário crítico e etimológico da língua portuguesa*. Paris: Na Officina Typographica de Casimir, 1836.
- COROMINAS, J. *Diccionario crítico etimológico de la lingua castellana*. Madrid: Gredos, s.d. 4 v.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 5 ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962, 413 p.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.
- ENCICLOPÉDIA Luso-brasileira de cultura*. Lisboa: Editorial Verbo. 18 v.
- GRILLO, S. da C. Org. *Vocabulário da Vida de Frei Pedro* de André Resende. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura - Instituto Nacional do Livro, 1966. 242 p.
- HUBER, J. *Gramática do português antigo*. Trad. de Maria Manuela Gouveia Delile do original alemão *Altoportugiessisches elementar-buch*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, 417 p.
- MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Ed. Confluência, 1856. 2v.

Oscar Vieira da Silva

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Com prefácio de W. Meyer Lübke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955. 2v.

OLIVEIRA, A. C. de. *Criação do posto de general na escala hierárquica das PM - Um estudo exploratório*. Monografia. APM-PMMG, 1991. 95 p. Mimeo

PEREIRA, S. B. *Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura - Instituto Nacional do Livro, 1964. 179 p.

SILVA, A. M. *Diccionario da língua portuguesa*. Fac-símile da segunda edição (1813). Fotografado pela "Revista de Língua Portuguesa" sob a direção de Laudelino Freire. Rio de Janeiro: 1922. 2v.

SILVA, O. V. da. Coronel, a palavra. *O Alferes*, v. 9, n 29, abr.-jun./1991, p. 39.

THE encyclopedia americana. New York, Chicago, Washington: Americana Corporation, 30v.